

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
COLÉGIO POLITÉCNICO DA UFSM
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DE
COOPERATIVAS**

**A AUTOGESTÃO E A ECONOMIA SOLIDÁRIA PARA PEQUENOS
PRODUTORES RURAIS: O CASO DO PROJETO
ESPERANÇA/COOESPERANÇA**

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

Suelen Munhoz Martins

**Santa Maria, RS, Brasil
2014**

**A AUTOGESTÃO E A ECONOMIA SOLIDÁRIA PARA PEQUENOS
PRODUTORES RURAIS: O CASO DO PROJETO
ESPERANÇA/COOESPERANÇA**

Suelen Munhoz Martins

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em
Gestão de Cooperativas do Colégio Politécnico da UFSM, como requisito
parcial para obtenção do grau de
Tecnólogo em Gestão de Cooperativas

Orientador: Prof^a. Dr^a. Márcia Lenir Gerhardt

**Santa Maria, RS, Brasil
2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
COLÉGIO POLITÉCNICO DA UFSM
CURSO SUPERIOR DETECNOLOGIA EM GESTÃO DE
COOPERATIVAS**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o
Trabalho Final de Graduação

**A AUTOGESTÃO E A ECONOMIA SOLIDÁRIA PARA PEQUENOS
PRODUTORES RURAIS: O CASO DO PROJETO
ESPERANÇA/COOESPERANÇA**

Elaborado por
Suelen Munhoz Martins

como requisito parcial para obtenção do grau de
Tecnólogo em Gestão de Cooperativas

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Márcia Lenir Gerhardt
(Orientador/Presidente)

Gilmar Jorge Wakulicz, Dr. (UFSM)

Marcia Helena dos Santos Bento, Me (UFSM)

Santa Maria, 30 de Junho de 2014.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, por sempre me dar forças, por me oportunizar chegar até aqui. Por sempre proteger e iluminar meus caminhos.

A UFSM, este estabelecimento de ensino que me proporcionou aprendizagem clara e eficiente.

A minha orientadora, Professora Márcia Lenir Gerhardt, pela paciência, amizade, pela dedicação.

A Irmã Lourdes Dill, coordenadora do Projeto Esperança/Cooesperança, que me recebeu de braços abertos e com muito carinho quando a procurei para a realização do trabalho. Pelos momentos de sabedoria que me proporcionou.

Agradeço minha amável mãe Maria por sempre ter me apoiado em todas as minhas decisões e fazer conforme o seu alcance com que as mesmas se tornassem possíveis. Por nunca deixar eu desistir. Ao meu querido pai Paulo, que infelizmente não se faz mais presente entre nós, mas que desde que me entendo por gente, sempre me cobrou dedicação aos estudos, boas notas, aprendizado e sempre um futuro melhor.

Ao meu esposo Dionatan, pela dedicação, amor, companheirismo e amizade. Pelo apoio durante as aulas.

A minha cunhada Adelina, que com carinho me auxiliou nesta etapa.

Gostaria também de agradecer aos meus familiares e amigos que de uma forma ou de outra me ajudaram chegar até aqui.

Por fim, não poderia deixar de agradecer a minha cachorrinha Ladye, que embora eu saiba que não irá ler estas palavras, mas que entende e sabe de todo o amor que sinto por ela, por ter ficado comigo sempre, nos dias e inclusive nas madrugadas que fiquei acordada fazendo este trabalho.

A todos o meu muito obrigada.

RESUMO

Trabalho Final de Graduação
Colégio Politécnico da UFSM
Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Cooperativas
Universidade Federal de Santa Maria

A AUTOGESTÃO E A ECONOMIA SOLIDÁRIA PARA PEQUENOS PRODUTORES RURAIS: O CASO DO PROJETO ESPERANÇA/COOESPERANÇA

AUTOR: SUELEN MUNHOZ MARTINS
ORIENTADOR: PROF^a. DR^a. MÁRCIA LENIR GERHARDT
Santa Maria, 30 de Junho de 2014.

Este trabalho apresenta um estudo que foi desenvolvido no Colégio Politécnico da UFSM, no Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Cooperativas. Esse objetivou investigar a importância de se trabalhar com autogestão e economia solidária na Cooperativa Mista dos Pequenos Produtores Rurais e Urbanos vinculados ao Projeto Esperança/Cooesperança de Santa Maria/RS. A pesquisa pretendeu analisar e verificar se na Cooperativa em questão esses aspectos realmente acontecem. O período do experimento correspondeu ao ano de 2014. Metodologicamente tratou-se de um estudo de caso de cunho quanti-qualitativo. Utilizou-se para coleta de dados o formulário, a observação e conversas informais. Os principais autores abordados foram Arruda (2000), Singer (2002), Costa (2013) e Pinho (2000). Concluiu-se que os cooperados, em sua maioria, realizam a autogestão e a economia solidária.

Palavras-chave: Autogestão. Economia Solidária. Cooperados.

ABSTRACT

Final Graduate Work
Polytechnic College UFSM
Degree in Technology Management in Cooperatives
Federal University of Santa Maria

A SELF-MANAGEMENT AND A PARTNERSHIP FOR SMALL PRODUCERS RURAL ECONOMY: THE CASE OF THE PROJECT HOPE / COOESPERANÇA

AUTHOR: SUELEN MUNHOZ MARTINS
ADVISER: PROF^a. DR^a. MÁRCIA LENIR GERHARDT
Santa Maria, June 30, 2014.

This paper presents a study that was developed at the Polytechnic College UFSM in the Course of Technology in Management of Cooperatives. This aimed to investigate the importance of working with self-management and solidarity economy in the Cooperative of Small Rural and Urban Producers linked to Project Hope / Cooesperança Santa Maria / RS. The research sought to examine and verify that the Cooperative concerned these aspects really happen. The experimental period corresponded to the year 2014. Methodologically treated a case study of quantitative and qualitative nature. Was used for data collection form, observation and informal conversations. The principal authors were approached Arruda (2000), Singer (2002), Costa (2013) and Pine (2000). It was concluded that the cooperative, mostly perform self-management and solidarity economy.

Keywords: Self-Management. Solidarity Economy. Members.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Fonte: Projeto Esperança/Cooesparança	16
Figura 02 – Fonte: Projeto Esperança/Cooesparança	16

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A – Instrumento de coleta de dados.....28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 REVISÃO DE LITERATURA	10
3 METODOLOGIA	14
3.1 Os pequenos agricultores associados ao Projeto Esperança/Cooesperança, Santa Maria, RS: sujeitos da investigação.....	15
3.2 Local onde a pesquisa foi realizada	17
4 RESULTADOS	19
CONCLUSÃO.....	23
REFERÊNCIAS.....	25

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo, tem como finalidade investigar a importância da autogestão e da economia solidária, em uma Cooperativa de pequenos produtores rurais que é vinculada ao Projeto Esperança/Cooesperança na cidade de Santa Maria – RS.

Em uma sociedade capitalista, onde prevalece a busca contínua pela lucratividade, os quesitos sociais não encontram muito espaço, pois o foco é a parte financeira, fazendo com que o número de pessoas excluídas no sentido econômico e social aumente, gerando uma porcentagem de desemprego muito alta.

No Brasil, esses grupos de pessoas excluídas derivam dos mais diversos lugares e setores da economia, como por exemplo, o setor agrário, pois o país teve seus alicerces econômicos sempre ligados à agricultura.

O Projeto Esperança/Cooesperança vem desenvolvendo e dando força ao associativismo, a solidariedade, um novo molde de cooperativismo autogestionário, possibilitando assim a inserção social e praticando uma economia popular solidária, mostrando que uma nova economia é possível. Sobrepõe o trabalho ao lucro, instruindo pessoas para a prática da cidadania com dignidade, oportunizando a realização de um trabalho justo.

Em pesquisa realizada por Costa (2014), sobre economia solidária para o desenvolvimento da pequena propriedade no processo produtivo e nos indicadores de comercialização, a autora diz que:

Gerar renda e oportunidade de trabalho é o grande desafio, além de encontrar instrumentos de inclusão social e econômica capazes de levar os associados a fazer parte do processo de desenvolvimento. Neste contexto, surge o cooperativismo diante do desafio de cumprir o papel de fortalecimento das pequenas propriedades rurais. [...]. Trata-se de tema de grande importância no atual contexto do Cooperativismo da Economia Solidária na sociedade, pois traz desenvolvimento interpessoal utilizando o dinamismo que fortalece a cooperação entre as áreas e está ligado nas questões sociais para a construção de uma sociedade melhor, baseada em valores como a solidariedade, igualdade de direitos e deveres, de responsabilidade e compromisso, valorizando o homem como um ser, e não pelos seus valores aquisitivos (COSTA, 2014, p. 11).

O cooperativismo vem sendo discutido frente a uma sociedade capitalista que busca o lucro. O desafio apresentado, por Costa (2014), o de gerar renda e oportunidade de trabalho, vem acompanhado da preocupação de se ter junto a inclusão social e econômica dos pequenos

produtores rurais. Tendo em vista também que, para que essa geração de renda se mantenha é necessário se ter/fazer uma boa gestão, mantendo assim os recursos necessários para a sobrevivência do trabalhador com dignidade.

Considerando e indo ao encontro de Costa (2014) investigou-se, nesse fazer investigativo, a importância da autogestão e da economia solidária, em uma Cooperativa de pequenos produtores rurais, vinculada ao Projeto Esperança/Cooesperança, localizada na cidade de Santa Maria – RS.

Os dados analisados foram levantados junto aos produtores que se disponibilizaram em colaborar com a presente investigação.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A autogestão e a Economia Solidária são dois aspectos muito importantes frente a um cenário onde somente o luro é visado, onde pessoas são de certa forma excluídas, e acabam tendo que procurar uma maneira para sobreviver.

Autogestão

Segundo MNCR (2012), a autogestão pode ser designada pela atividade econômica em que os trabalhadores são os proprietários dos instrumentos de produção. É a maneira de organizar o trabalho sem um único dirigente, onde o planejamento, a decisão e a execução ficam por conta dos próprios trabalhadores.

Conforme Almeida (1983), a indústria manufatureira tem por finalidade a formação de sociedades autogestionárias e igualitárias, pois deve ser o local de uma sociedade composta de trabalhadores. A obra a ser realizada é a propriedade comum e individual de todos os que dela participaram. Dessa forma, o trabalhador participará dos lucros e prejuízos do estabelecimento, e terá voz deliberativa na sua administração. O autor ainda menciona que a autogestão implica como um modelo de gestão descentralizada que contradiz com os moldes de uma gestão centralizada e categórica.

Pode-se entender, dessa forma, que a autogestão é uma opção para que se possa ter o seu próprio negócio, trabalhar e ser o seu próprio gerenciador. É uma das maneiras de se reverter a situação frente a um mundo onde a tecnologia vem crescendo cada vez mais e tirando o lugar de muitos trabalhadores, deixando-os sem emprego em um mundo onde existe preconceito e falta de oportunidades para os mais pobres.

Para Singer (2002, p. 21):

O perigo de degeneração da prática autogestionária vem, em grande parte, da insuficiente formação democrática dos sócios. A autogestão tem como mérito principal não a eficiência econômica (necessária em si), mas o desenvolvimento humano que proporciona aos praticantes. Participar das discussões e decisões do coletivo, ao qual se está associado, educa e conscientiza, tornando a pessoa mais realizada, autoconfiante e segura.

Pode-se dizer então que, a autogestão pode modificar a forma de pensar e trabalhar, pois faz com que a pessoa que ao mesmo tempo é dono, também é a pessoa que trabalha e por isso deve fazer as regras e normas e cumpri-las. O próprio gestor deve buscar capacitação, e não esperar que alguém o faça.

Em relação à agricultura familiar, a autogestão vem desempenhando um papel indispensável na manutenção do produtor e sua família no campo. Propriedades rurais em que os custos, retornos financeiros e viabilidade econômica são bem conduzidos pelo gestor, ou seja, pelo produtor, as chances da família abandonar sua propriedade e buscar outros meios de sobrevivência, principalmente na cidade, são reduzidas.

O êxodo rural tem apresentado altas taxas de ocorrência no Brasil nos últimos tempos, sendo que, até o ano de 2012 segundo o IBGE (2013), apenas 15,2% de produtores rurais permanecem no campo. Uma das principais causas desse grande número de pessoas que abandonam a agricultura, principalmente a familiar, são as falhas na gestão da propriedade rural como, por exemplo, a falha dos produtores em contabilizar custos e ganhos, falha em escolher culturas adequadas, etc.

Crepaldi (1998), afirma que o êxito de uma organização está conjugada a uma gestão eficiente.

Pode-se dizer que para se ter uma boa gestão é necessário ter o controle de seus custos e ganhos; um bom planejamento, tanto em termos de finanças como de produção; ter uma “mente aberta” para admitir que se o empreendimento está indo mal, é necessário se contratar um profissional que o ajude a entender o que está acontecendo, também é preciso neste caso seguir fielmente as sugestões do profissional; é importante saber diagnosticar a qualidade da propriedade com o que se quer produzir e também fazer uma avaliação do cenário cultural e climático; realizar cursos de aperfeiçoamento; e principalmente saber que autogestão envolve organizar e cumprir suas obrigações.

Conforme Verardo (2003), a criação de projetos autogestionários indica tratar de propostas que são, antes de tudo, técnicas em construção de uma amostra organizacional de empreendimento coletivo. Investir na elaboração de processos autogestionários quer dizer, criar possibilidades, que nos remetem para uma tarefa crítica tanto no sentido de contestar teoricamente e praticamente o que se quer solucionar, atos de individualismo, exploração e competição, quanto no de implantar o “novo” que sugere princípios de solidariedade, conceitos de sociabilidade, credibilidade e cooperação.

Cabe mencionar o valor da educação que é importantíssima tanto na inserção quanto no desenvolvimento das práticas autogestionárias. Desde pequenos, geralmente, somos instruídos para sermos individualistas e competitivos, com o intuito de que com a concorrência, vença o melhor. Com a educação autogestionária se tem o cuidado para que o sistema de valores já construído pelas pessoas seja revisto e, para o reconhecimento das necessidades, se estabeleça novos princípios.

Economia Solidária

Conforme MTE (2014), a Economia Solidária pode ser vista como um modo divergente de produzir, vender, comprar e trocar o que é necessário para viver. Evitando que pessoas sejam exploradas, sem levar vantagem sobre o próximo, sem prejudicar o ambiente. Cooperando, fortificando o grupo, almejando o próprio bem e o de todos.

Arruda (2000) considera a economia solidária como uma forma alternativa ao capitalismo. A economia que é vivenciada está começando a ser arquitetada em muitos espaços no Brasil. É a economia em que o valor central não é mais o capital, mas sim o ser humano, a sua capacidade criativa, o seu conhecimento, seu trabalho.

Devido à predominância do sistema capitalista, um número grande de trabalhadores acaba sendo excluído do mercado, gerando novas formas alternadas de economia, dando forma a um novo cooperativismo.

Diferentes formas de autogestão são criadas, uma delas recebe o nome de economia solidária, que vem com o intuito de amenizar a crise do desemprego; questões sociais, como por exemplo, dar prioridade a valorização do ser humano e não ao capital; questões ecológicas, visto que tem o objetivo de formar um ambiente socialmente correto e sustentável.

“Forma” essa, que vem crescendo em consequência de diversos fatores como a oposição de trabalhadores a progressiva exclusão social, os avanços tecnológicos de equipamentos e máquinas que crescem rapidamente tirando o lugar de muitos trabalhadores rurais.

Segundo FBES (2003):

A Economia Solidária compõem o fundamento de uma globalização humanitária, de um crescimento sustentável, justo e remetido para a satisfação lógica das necessidades de cada um e de todos os cidadãos.

O valor central da economia solidária é o trabalho, o saber e a criatividade humana e não o capital-dinheiro e sua propriedade sob quaisquer de suas formas. Apresenta práticas fundadas em relações de ajuda solidária, inspiradas por valores culturais que colocam o ser humano como sujeito e objetivo da atividade econômica, em vez da acumulação privada de riqueza em geral e de capital em particular.

A Economia Solidária procura a unidade entre produção e reprodução, evitando assim a contradição básica do mundo capitalista, que expande a produtividade, mas exclui crescentes setores de trabalhadores do acesso aos seus benefícios. Procura outra qualidade de vida e de consumo, necessitando da solidariedade entre os cidadãos do centro e os da periferia do sistema mundial.

Pode-se dizer que a Economia Solidária vem com o intuito de mostrar um novo pensamento. Vem para mostrar o quanto importante é a essência da coletividade, de ajudar o próximo, não pensar somente em si, respeitar cada indivíduo como ser único, independente de suas características. Dá ênfase na questão de não se comprar o que não é necessário; traz um pensamento futurista, pois, faz pensar em sustentabilidade, na preservação do meio ambiente, no cuidado que se deve ter para que o planeta não se termine, devido as várias maneiras de forma incorreta de usá-lo, como por exemplo, o desmatamento, o uso de produtos químicos muito fortes que podem acabar com a fertilidade do solo, o individualismo entre as pessoas, entre outros.

Ainda, conforme FBES (2003) diz que:

Quando se fala de Economia Solidária, a eficiência não pode limitar-se aos benefícios materiais de uma organização, mas se delibera também como eficácia social, em função da qualidade de vida e da felicidade de seus componentes e, ao mesmo tempo, de todo o ecossistema. É uma ferramenta de combate à exclusão social, pois apresenta alternativa viável para a criação de trabalho e renda e para a satisfação direta das necessidades de todos, provando que é possível organizar a produção e a reprodução da sociedade de modo a acabar com as diversidades materiais e propagar os valores da solidariedade humana. Princípios específicos; por um sistema de finanças solidárias.

Assim, a Economia Solidária pode constituir-se em setor econômico da sociedade, distinto da economia capitalista e da economia estatal, fortalecendo o Estado democrático com a irrupção de novo ator social autônomo e capaz de avançar novas normas de direitos e de equilíbrio da sociedade a seu favor.

Sendo assim, pode-se afirmar que a Economia Solidária tem como um de seus objetivos principais não só a inclusão social, mas também o crescimento pessoal, pois dá o poder da decisão própria, fazendo com que o trabalhador tenha que se rebuscar (pensar, arriscar, “ver que é capaz”) para decidir o que é melhor para o seu empreendimento. Aborda a forma de democracia, onde todos têm o direito de se manifestar, dando a possibilidade para que as pessoas possam dizer o que pensam e seguir seus ideais de maneira condicente com suas culturas; usufruindo ainda da ajuda mútua.

3 METODOLOGIA

Para a realização deste estudo, foi aplicado um formulário (Apêndice A) com questões objetivas e uma descritiva com os pequenos produtores rurais da Cooperativa vinculada ao Projeto Esperança/Cooesperança. Fizeram-se observações e realizou-se conversas informais com os mesmos. Para a realização desses métodos participaram doze cooperados, de um total aproximado de 18 famílias que estavam presentes no local e dia da aplicação do formulário e entrevista informal. O formulário contemplava treze questões objetivas e uma descritiva.

A vista disso se tem uma pesquisa de cunho quantitativo e qualitativo. Para Martinelli (1994,p.34):

A abordagem quantitativa quando não exclusiva, serve de fundamento ao conhecimento produzido pela pesquisa qualitativa. Para muitos autores a pesquisa quantitativa não deve ser oposta à pesquisa qualitativa, mas ambas devem sinergicamente convergir na complementaridade mútua, sem confinar os processos e questões metodológicas a limites que contribuam os métodos quantitativos exclusivamente ao positivismo ou os métodos qualitativos ao pensamento interpretativo, ou seja, a fenomenologia, a dialética e a hermenêutica.

Pois quantitativo, acredita que tudo pode ser estimado, o que quer dizer apresentar em números concepções e informações para especificar e averiguar as mesmas. Faz-se necessário o uso de recursos e métodos estatísticos como, por exemplo: percentagem, mediana, desvio-padrão, entre outras. E qualitativo, pois acredita que, existe um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser transferido para números. Usa-se a interpretação, a intuição, a descrição, e o âmbito natural é o meio direto para a coleta dos dados e a pessoa que está pesquisando é parte principal.

Em relação a pesquisa qualifica-se como um estudo de caso. Conforme Yin (2001), o estudo de caso é uma forma de pesquisa que apresenta um método que envolve tudo em abordagens específicas de coletas e análise de dados. Tal processo é necessário quando o elemento a ser estudado é extenso e complexo e não pode ser estudado fora da situação onde acontece naturalmente.

As questões do formulário objetivaram averiguar a importância de se trabalhar com autogestão e Economia Solidária na Cooperativa dos Pequenos Agricultores vinculados ao Projeto Esperança/Cooesperança de Santa Maria. Outro objetivo foi averiguar se esses dois aspectos (autogestão e economia solidária) ocorrem.

Para a obtenção de dados sobre o Projeto Esperança/Cooesperança, foram realizadas pesquisas via internet e também foi feita uma visita ao Banco da Esperança(sede do Projeto), onde foi fornecido pela Irmã Lourdes Dill vários materiais sobre os trabalhos que já foram e estão sendo realizados pelo Projeto.

Vale ressaltar que a organização do Projeto Esperança/Cooesperança é muito amplo, pois contempla não só os produtores rurais, mas também o pessoal da agroindústria, do artesanato, povos indígenas, hortifrutigranjeiros, entre outros. Porém, neste estudo de caso a pesquisa foi somente realizada com o pessoal da agricultura familiar, produtores de hortifrutigranjeiros.

3.1 Os pequenos agricultores associados ao Projeto Esperança/Cooesperança, Santa Maria, RS: sujeitos da investigação.

Foram sujeitos da investigação 12 pequenos produtores rurais, de aproximadamente 18 famílias que estavam presentes no local e dia da aplicação do formulário e entrevista informal. A entrevista foi realizada no espaço da economia solidária. Espaço este que é utilizado pelos produtores para a venda de seus produtos (Fotos 01 e 02). A exposição dos produtos na feira é realizada todos os sábados e durante esses momentos foram realizadas as observações, coletou-se as informações por meio do formulário e das conversas informais.



Figura 01 – Fonte: Projeto Esperança/Cooesparança.



Figura 2 – Fonte: Projeto Esperança/Cooesparança.

3.2 Local onde a pesquisa foi realizada

As informações a seguir foram retiradas do site¹ do Projeto Esperança/Cooesperança. Por critérios éticos foram respeitadas todas as informações apresentadas no site sem alterações.

O Projeto Esperança surgiu do estudo do Livro "A pobreza, riqueza dos povos" do autor Africano Albert Tévo èdjeré, cujos estudos e seminários iniciaram em 1982, e no 3º Congresso da Cáritas-RS em 1984. Na oportunidade, Dom José Ivo Lorscheiter, Bispo Diocesano de Santa Maria, com base no estudo "A pobreza, riqueza dos povos", "A transformação pela solidariedade", que valoriza as "pequenas coisas" e que tem como fundamento a solidariedade. Dom Ivo desafiava a Cáritas-RS a criar e desenvolver os PACs (Projetos Alternativos Comunitários), como um novo jeito de construir o Desenvolvimento Solidário e Sustentável. Encontrar soluções para os grandes problemas sociais, entre eles o desemprego, o êxodo rural, a fome, a miséria e a exclusão social.

Foi a partir desta reflexão que se fortaleceu e difundiu o modelo da caridade libertadora, ou seja, a caridade organizada, através dos PACs (Projetos Alternativos Comunitários), da Economia Popular Solidária e a "Reivenção da Economia", que coloca como pano de fundo, a solidariedade, geração de trabalho e renda e as diferentes formas de organização associativa, cooperativada e de autogestão.

A partir de 1982, a Diocese de Santa Maria, a UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), a EMATER Regional - RS e outras organizações iniciaram o estudo do livro, promoveram seminários e jornada de estudos na região Centro - RS, cuja articulação regional deu a origem aos PACs (Projetos Alternativos Comunitários) junto com a Cáritas Regional - RS. Em 1984 foram surgindo às primeiras experiências de Grupos Comunitários e Associações. Em 1987 foi criado o Projeto Esperança e o início do seu funcionamento a partir dos Grupos Organizados que se integraram desde o início, neste Programa.

O Feirão Colonial faz parte das atividades do Projeto Esperança/Cooesperança da Diocese De Santa Maria e foi criado em 1º de abril de 1992, com a participação efetiva e comprometida dos Produtores Rurais e Urbanos associados e consumidores que tem consciência do consumo de produtos de qualidade para a defesa da vida e saúde, organizados na região central-RS.

¹ www.esperancacooesperanca.org.br

Os Feirões Coloniais realizam-se a cada sábado, no Centro de Referência de Economia Solidária Dom Ivo Lorscheiter, à rua Heitor Campos, s/nº, ao lado do colégio Irmão José Otão, Santa Maria, RS.

A Gestão do Feirão Colonial é feita de forma colegiada, participativa e interativa entre a Equipe do Projeto Esperança/Cooesperança e os grupos associados, nos diversos segmentos de atuação do mesmo.

A Comercialização se dá de forma direta entre o produtor organizado e o consumidor/a. O consumidor/a fica sabendo quem produziu o produto que ele consome e se cria uma relação de confiança mútua e solidária. Todos os participantes se comprometem na melhoria da qualidade dos produtos do Feirão Colonial que fortalece a consciência e a prática do Comércio Justo, Consumo Ético e Solidário, entre produtores e consumidores organizados e conscientes. Os Pontos fixos de Comercialização Solidária fazem parte deste importante projeto que são grandes espaços de articulação, debate, troca de experiências e de comercialização direta de produtos dos empreendimentos solidários. A Feira é um grande mutirão feito com a participação de diversas entidades e com Comissões de organização, organizações governamentais e não-governamentais.

A Economia Popular Solidária vai muito além da resistência à exclusão social e ao desemprego. Ela aponta para uma nova prática econômica, para a “reinvenção da economia”, provando que “Uma nova economia é possível”, que é capaz de criar e fortalecer novos empreendimentos e gerar trabalho e renda a partir do trabalho cooperativado, autogestionário e da gestão participativa e transformadora.

A prática da Economia Solidária e o Cooperativismo Alternativo estão fundamentados na Cooperação, Autogestão, Produção Coletiva, Comercialização Direta, justa distribuição de Renda, Solidariedade, Agroecologia, Comércio Justo e Ético, Agricultura Familiar e com a lógica econômica que valoriza o ser humano e o trabalho, acima do capital. Tendo em vista formar novos sujeitos para o exercício da cidadania e inclusão social e construir um Projeto Democrático Popular e Sustentável. A Feira de Santa Maria faz parte do Programa Nacional de Feiras, Feiras em Rede, cujo calendário se estende a todos os Estados Brasileiros.

A 15^a Feira Estadual do Cooperativismo Alternativo, a 4^a Feira da Economia Solidária dos Países do Mercosul, a 7^a Feira Nacional de Economia Solidária, a 8^a Mostra da Biodiversidade e Feira da Agricultura Familiar e o 4º Seminário Latino Americano de Economia Solidária e Mini-Fórum Social Mundial de Economia Solidária, são eventos

Nacionais e Internacionais das Organizações Populares, Associações, Cooperativas, Empreendimentos Solidários do meio urbano e rural, no fortalecimento da autogestão e dos PACs (Projetos Alternativos Comunitários), projetos de geração de trabalho e renda, através da Cáritas Regional-RS e Projeto Esperança-/Cooesperança na Diocese de Santa Maria, SENAES (Secretaria Nacional de Economia Solidária), IMS (Instituto Marista de Solidariedade), MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário), Prefeitura Municipal de Santa Maria, muitas Entidades apoiadoras e parceiras, cuja prática vem se consolidando e construindo no RS as Políticas Públicas para uma Economia Solidária, Agricultura Familiar, Segurança Alimentar há mais de 22 anos de sua história bem sucedida.

Os Beneficiários na 15^a FEICOOP: 145 mil pessoas, 18 mil pessoas participando dos debates, oficinas e Seminários e Redes Solidárias, 5.000 produtos em comercialização e em exposição, 1.600 pessoas envolvidas na organização do Evento, 60 Comissões de organização do Evento, 850 empreendimentos participantes expositores, 1.500 Empreendimentos Solidários em Rede, 400 entidades representadas e apoiadoras, 400 municípios brasileiros representados, 300 empreendimentos participantes nos debates, oficinas e seminários, 80 entidades envolvidas na organização do Ato Internacional e Ecumênico Pela Paz, 60 apresentações culturais no Palco da Feira, 90 caravanas do Brasil e Países do Mercosul e América Latina e 250 veículos de comunicação da América Latina, do Mercosul e do Brasil.

4 RESULTADOS

O formulário foi aplicado a doze produtores rurais que se disponibilizaram a participar deste estudo. Esses produtores têm como principal atividade a produção de hortifrutigranjeiros, utilizando apenas a mão-de-obra familiar. As perguntas foram elaboradas levando em consideração duas categorias: a autogestão e a economia solidária. Aspectos relacionados com o conhecimento dos produtores sobre esses assuntos são discutidos.

Tendo em vista as respostas obtidas através do formulário, foi possível perceber, que em relação à autogestão, cerca de 58,33% dos associados não sabiam explicar o que era, porém, conforme as conversas informais e tendo em vista que 83,3% relataram que fazem um planejamento de sua produção, pode-se perceber que eles não sabem teoricamente, mas na prática sabem ser autogestionários.

Além disso, 67% dos produtores afirmam que possuem controle de seus “custos e ganhos”. Através dessas respostas é possível perceber que na prática a autogestão está presente em todos os momentos. Outro fato que comprova essa afirmação é que nas conversas informais, quanto a questão que fazia menção sobre se havia assistência técnica por parte do Projeto Esperança/Cooesperança, a maioria relatou saber da importância que é ter contato com um profissional que entenda do assunto.

A seguir será mencionado um relato em relação a esta questão. Foi escolhido somente este relato para citar neste trabalho, porém não significa que é mais importante que os outros. O produtor entrevistado diz: “*quando entrei na Cooperativa, plantava bastante e rendia pouco. Não conseguia entender, aí o engenheiro agrônomo foi lá em casa e conseguiu identificar o problema. Daí pra cá só teve crescimento. Muito bom isso.*”

Conforme Martins (2011) sabe-se que para ter um negócio sustentável, é necessário saber: inovar, ter uma relação com os órgãos geradores de conhecimento, pesquisa, extensão rural e de fomento, além de saber guiar o próprio empreendimento. Tais conhecimentos auxiliam para garantir a permanência dos pequenos proprietários no campo, reduzindo as taxas de êxodo rural. Ainda, segundo esta autora, o processo de gestão, compreende uma concepção sistêmica, liderança, conhecimento do mercado, parceiros, conhecimento organizacional, busca por resultados, inovação, enfim, envolve um aglomerado de aspectos que definem a gestão.

O uso da boa gestão pode ser vista também quando foram questionados sobre suas propriedades, se as mesmas são próprias. 100% dos entrevistados afirmou ser. Também afirmaram que consideram seu empreendimento rentável.

No que diz respeito a cursos de aperfeiçoamento, 58,33% disse fazer, tanto os que são oferecidos pelo Projeto, quanto algum curso que é oferecido por alguma instituição, mesmo tendo que pagar. Os outros associados que disseram não ter feito nenhum curso, argumentaram já saber as técnicas utilizadas na produção, pois aprenderam com seus pais, avós e pretendem passar para seus filhos e netos e assim sucessivamente.

Spies (2010, p.16) afirma:

Que para ter sucesso, é imprescindível que o agricultor familiar se profissionalize. Novas atividades produtivas e tecnologias requerem novas habilidades e competências; caso contrário, aumentam o risco. Melhorar a gestão das propriedades também é fundamental para acertar mais e errar menos nas decisões que devem ser tomadas pelo produtor. Quem não controla seu negócio não consegue administrar, e quem não planeja também não gerencia, não tem futuro, tem apenas destino. A melhoria da gestão deve ocorrer não apenas em relação à área de produção, mas

também nas áreas de mercado, administração financeira e administração das pessoas na propriedade rural.

Em relação á renda de suas famílias, 67% dos produtores relatam possuir outra fonte de renda além da Cooperativa, o que é descrito por Silva (2001). Segundo este autor, já na década de 90 a maior parte da renda dos produtores rurais já advinham de outras atividades não agrícolas. A existência de outra renda possibilita uma maior segurança financeira, além de fornecer uma fonte de investimento para a gestão da propriedade.

Quanto aos aspectos relacionados à Economia solidária, 100% dos entrevistados disseram saber o que é, e conforme observações realizadas percebeu-se que de fato acontece, porém o quesito sustentabilidade é trabalhado conforme suas possibilidades e alternativas.

O principal ponto que está sendo trabalhado atualmente em termos de sustentabilidade é o uso de produtos químicos que ainda ocorre principalmente em situações em que outras alternativas ainda não foram instituídas.

Segundo um dos associados, um fato que já ocorreu em sua propriedade foi que a plantação de alface foi acometida por uma praga que só pôde ser combatida com o uso de um “*produto um pouco mais forte*”, já que a produção estava em risco e esta era sua única fonte de renda.

No que diz respeito à Cooperação todos os associados entrevistados afirmaram saber do que se trata. Foi possível perceber através da observação que os associados cooperavam entre si durante a realização das feiras. Um fato que merece ser ressaltado é que em momentos nos quais um associado necessitava se retirar do seu estande, um dos colegas ficava em seu lugar e se preciso realizava a venda.

Sousa (2009, p.6) afirma:

Além de benefícios econômicos, o processo cooperativista em si traz o amadurecimento de seus membros. Aprende-se a elaborar as próprias regras de conduta e a segui-las; a dialogar e a trocar ideias de forma produtiva; a ajudar e ser ajudado; a conviver com pessoas com histórias de vida tão distintas; que a abstenção prejudica todo o grupo; que com união se conquista mais do que a sobrevivência material, mas o poder de determinar a realidade que se quer viver.

Em média, o tempo de associação dos produtores na cooperativa varia, para o sócio mais novo e o mais antigo entre 2 meses e 21 anos respectivamente. E para demonstrar que essa cooperação dá certo, a cooperativa conta com associados que fazem parte desse meio a décadas. Inclusive podemos citar o sujeito A que faz parte da Cooperativa à 21 anos. Ele declarou que está muito satisfeito com a Cooperativa e não se arrepende de ter entrado.

Além disso, outro exemplo claro de que economia solidária funciona é a alta taxa de fidelidade dos produtores. Cerca de 90% dos produtores afirmou que vendem seus produtos somente na feira da Economia Solidária.

Spies (2010, p.15) diz:

As principais oportunidades estão associadas à transformação da agricultura para um novo paradigma, no qual o foco está na sustentabilidade, na qualidade dos produtos, na segurança alimentar e na eficiência ecológica.

A economia solidária mostra-se como uma opção no cenário atual frente a pobreza e a questão social, ainda que de maneira não tão persuasiva quanto ao modelo capitalista, entretanto, traz uma vasta quantidade de recursos sociais e econômicos que beneficiam o crescimento da sociedade.

Conforme Pinho (2000), o cooperativismo poderá dar mais atenção à ética do amanhã, que inclui a preservação da vida, dos recursos naturais e do próprio planeta.

Esta forma de economia é baseada em uma nova forma de produção, onde a principal finalidade é a integração social, tem como foco oferecer possibilidades para aquelas pessoas que estão desempregadas, procura alternativas de produção sustentável, preza por práticas autogestionárias e solidárias.

Houve o momento em que os associados tiveram a oportunidade de intervir com sugestões, uns disseram que tudo como estava, está bom, outros apresentaram as seguintes intervenções:

_Quanto a questão do individualismo, poderia ser diminuído através de palestras ou atividades em grupo.

_ Mais espaço para a exposição de seus produtos, que devido ao crescimento da Cooperativa está se tornando pequeno.

_ Realizações de mais palestras e cursos, tanto em sentido do aperfeiçoamento, quanto sobre assuntos ligados a solidariedade.

Com tais sugestões apresentadas, pode-se perceber uma preocupação dos cooperados com o Projeto, visando em especial o individualismo, sentimento que não condiz com a economia solidária.

A autogestão ficou clara nos momentos em que os entrevistados se manifestaram a respeito sobre saberem a importância de se ter contato com um profissional da área de Agronomia; sabem que é importante fazer um planejamento de sua produção; alguns realizam

o controle de seus custos e ganhos; enfim de uma maneira ou de outra eles sabem ser autogestionários, mesmo usando métodos mais antigos ou usando formas mais modernas.

Já em relação a economia solidária, se faz presente no que diz respeito a cooperação, mesmo havendo um pouco de individualismo (ainda precisa ser trabalhado para diminuir), cada um cooperava da sua maneira; a maioria dos cooperados afirmou vender seus produtos somente na feira. Através de conversas informais pode-se perceber que conforme suas possibilidades, os associados tentam produzir produtos orgânicos e executar métodos em suas propriedades para não prejudicar o meio ambiente. Consideraram a economia solidária como de suma importância, pois oferece oportunidades como a inserção social e renda para uma vida digna, entre outras.

CONCLUSÃO

O presente estudo buscou averiguar a importância de se trabalhar autogestão e economia solidária na Cooperativa de pequenos produtores rurais que é vinculada ao Projeto Esperança/Cooesperança na cidade de Santa Maria – RS. Verificou-se a ocorrência ou não desses. Como já foi mencionado, a pesquisa foi realizada com doze associados.

Com o estudo pode-se concluir que os entrevistados em sua maioria sabem fazer uma boa gestão de seu empreendimento, fazendo o uso dos recursos oferecidos pelo Projeto Esperança/Cooesperança, como a assistência técnica em suas produções. Em sua maioria também realizam o controle de custos e ganhos, assim também como o planejamento de sua produção.

Todos os entrevistados possuem suas próprias “terras”, o que é o resultado de uma boa gestão, pois não precisam fazer empréstimos ou dívidas para pagar aluguel ou recursos para o melhoramento da propriedade.

Outro ponto importante constatado, é que fazem uma boa autogestão e como pequenos produtores, viram a necessidade de se ter um mercado para poderem comercializar seus produtos e a importância da cooperação, pois unidos podem realizar muito mais, pois sozinhos não teriam nenhuma chance contra o mercado capitalista.

Em relação a economia solidária foi possível perceber que ainda não pode competir e se sobrepor ao capitalismo, porém mostra-se inserida como uma opção para aquelas pessoas

que de certa forma foram excluídas socialmente e do meio de trabalho capitalista. Está em fase de transição no item de sustentabilidade, pois ainda não é possível se ter produtos 100% orgânicos. Porém em suas outras atribuições, como por exemplo, comércio justo, ético e solidário, os associados entendem e realizam tal forma.

Em virtude dos fatos discutidos, seria interessante que o projeto Esperança/Cooesperança realizasse atividades em forma de palestras ou trabalhos educativos com os cooperados, nesse caso, para amenizar o grau de individualismo, que na verdade cada ser humano já traz desde o seu nascimento e se não for bem trabalhado quando criança, acaba se ressaltando.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Heloísa Mendes de. Autogestão: das ideias às práticas. Rio de Janeiro: **Revista de Administração de Empresas**. V. 23, 37 – 57, 1983

ARRUDA, Marcos. **Globalização e Sociedade Civil Repensando o Cooperativismo no Contexto da Cidadania Ativa**. In. Perspectiva Econômica. São Leopoldo, RS: Unisinos. 2000.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **O que é Economia Solidária**. Disponível em <http://www2.mte.gov.br/ecosolidaria/ecosolidaria_oque.asp> Acesso em: 23 mai. 2014.

CAMPOLINA, Clélio. et al. **Auto gestão: associativismo e cooperativismo**. Ciclo de debates. Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte. 1995.

COSTA, Daiane. **O projeto esperança/cooesperança como uma forma de desenvolvimento da pequena propriedade rural de santa maria: um estudo de caso**. UFSM. Santa Maria, RS. 2014.

CREPALDI, Silvio A. **Contabilidade rural: uma abordagem decisória**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

FBES - Fórum Brasileiro de Economia Solidaria. Carta de Princípios da Economia Solidaria. Disponível em: <http://www.fbes.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=63&Itemid=60>. Acesso em 06 jun. 2014.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em Serviço Social**. NESPI nº 1. São Paulo: PUCSP, 1994.

MARTINS, Fabíola. **A gestão eficiente e sustentável da propriedade rural familiar**. Laguna, SC. UNISUL. 2011.

MNCR – Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. Disponível em <http://www.mncr.org.br/box_4/duvidas-frequentes/o-que-e-autogestao> Acesso em 23 mai. 2014.

OCB – Organização das Cooperativas Brasileiras. Apresentação Institucional. Brasília. Disponível em: <<http://www.ocb.org.br/site/cooperativismo/institucional.asp>>. Acesso em 06 mai. 2014.

PROJETOESPERANÇA/COOESPERANÇA. Disponível em http://www.esperancacooesperanca.org.br/index.php?option=com_content&view=frontpage&Itemid=1. Acesso em 14 mai. 2014.

PINHO, Diva. **Gênero e desenvolvimento em cooperativas:** Compartilhando Igualdade e Responsabilidade. Brasília. 2000.

SESCOOP/RS – Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://www.sescooprs.coop.br/index.php/cooperativismo/conceitos-principios>> Acesso em 18 mai. 2014.

Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira. IBGE. Rio de Janeiro. 2013.

SILVA, José Graziano. **Velhos e novos mitos do rural brasileiro.** Estudos avançados, V. 15, n. 43, 37 – 50. 2001

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária.** SP: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOUSA, Letícia Pulcides. **Cooperativismo: Conceito e Desafios à Implantação da Economia Solidária.** Disponível em <[file:///C:/Users/Suelen/Downloads/30944609509334048%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Suelen/Downloads/30944609509334048%20(1).pdf)>. Acesso em 21 mai. 2014.

SPIES, Airton. **Desafios e oportunidades para o desenvolvimento sustentável da agricultura familiar.** Revista Agropecuária Catarinense – RAC.v.23,n2,jul.2010. Disponível em <http://www.epagri.sc.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2028:rac-edicao-de-julho-de-2011&catid=46:publicacoes&Itemid=1>. Acesso em 02 jun. 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Universidade Federal de Santa Maria, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. **Estrutura e apresentação de monografias, dissertações e teses:** MDT. Biblioteca Central, Editora da UFSM. – 8. ed. – Santa Maria : Ed. da UFSM, 2012.

VERARDO, Luigi. **Economia Solidária e Autogestão.** 2003. Disponível em <<http://www.fase.org.br/projetos/vitrine/admin/Upload/1/File/Proposta98/luigiverardo98.pdf>>. Acesso em 21 mai. 2014.

YIN, Roberto K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 2^a Ed. Porto Alegre. Editora: Bookmam. 2001.

Apêndice A – Instrumento de coleta de dados

Questionário:

01- Você sabe o que é autogestão?

() Sim

() Não

02- Você sabe o que é cooperação?

() Sim

() Não

03- Você sabe o que é economia solidária?

() Sim

() Não

04- Você é fiel a Cooperativa?

Entrega toda sua produção?

() Sim

() Não

05- O seu sustento e de sua família vem somente da Cooperativa?

() Sim

() Não

06- Você usa insumos agrícolas em sua produção?

() Sim

() Não

07- A quanto tempo você faz parte da cooperativa?

(_) Meses

(_) Anos

08- Você é proprietário das terras onde produz?

() Sim

() Não

09- Há assistência por parte do Projeto Esperança/Cooesperança?

() Sim

() Não

10- Você faz algum tipo de curso de aperfeiçoamento?

() Sim

() Não

11- Você faz um planejamento do quanto produzir?

() Sim

() Não

12- Você tem o controle de seus custos e ganhos?

() Sim

() Não

13- Seu empreendimento é rentável?

() Sim

() Não

14- O que poderia ser melhorado?